



EDIÇÃO Nº 07 NOVEMBRO DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/09/2014
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/10/2014

ESCOLAS DO GÊNERO: ENTRE TRADIÇÕES E PERSPECTIVAS

Sueder S. de Souza-UTFPR¹

Ederson Luís Silveira-UFSC²

RESUMO: Este trabalho tem por objetivo expor as três escolas estrangeiras que proporcionaram métodos e perspectivas para o ensino do gênero e que o relacionaram diretamente com a proposta de ensino escolar. Para tanto fez-se uso das principais referências trabalhadas em sala de aula, bem como referências a parte para complementar o trabalho e para propor uma discussão, dentro das perspectivas sugeridas pelos estudiosos das Escolas de Sidney, de Genebra e Norte-Americana, a respeito dos diferentes métodos abordados a fim de discutir suas semelhança e diferenças.

PALAVRAS-CHAVE: Linguística Textual. Gênero. Ensino.

ABSTRACT: This work aims to expose the three foreign schools that provided methods and perspectives to the teaching of gender and the most directly related to the proposed school education. For both made use of the main references worked in the classroom as well as references to supplementary part to the work and to propose a discussion within the perspectives suggested by the student of Schools Sidney, Geneva and North American, about the different methods discussed in order to discuss their similarities and differences.

KEYWORDS: Textual Linguistics. Genre. Education.

INTRODUÇÃO

¹ Discente do Curso de Letras Português-Inglês da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR, Curitiba, Brasil. Bolsista de Iniciação Científica pelo CNPq e membro dos Grupos de Pesquisa em Estudos da Linguagem e Estudos do Som e da Fala. E-mail: swedersouza@gmail.com.

² Mestrando em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC, graduado em Letras Vernáculas pela Universidade Federal do Rio Grande-FURG (RS), membro do FORMATE- Grupo de Estudos em Territorialidades da Infância e Formação Docente da Universidade Estadual do Sudoeste Baiano-UESB. E-mail: ediliteratus@gmail.com.



EDIÇÃO Nº 07 NOVEMBRO DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/09/2014
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/10/2014

O gênero textual é um campo de estudo considerado multidisciplinar e de diversas perspectivas teóricas e metodológicas voltada ao ensino em sala de aula, e sendo ele multidisciplinar, iremos nos deparar com diversas correntes que ora apresentam diferenças, ora semelhanças, bem como novos conceitos a respeito do estudo do gênero. A migração que ocorre em relação ao conceito é decorrente do gênero perpassar por diversas áreas, assim resignifica seu conceito, abrange novas metodologias, desenvolve certa autonomia e principalmente discute novos modelos de estudo.

As tradições que iremos aqui nos referir têm referenciais teóricos distintos, mas defende uma mesma ideia, essa baseada na teoria do gênero voltada para o ensino de língua materna. Ainda, com outro ponto em comum de criar uma interação social em que as ações reais de linguagem se realizem, divergem nos seus modelos e propostas para o trabalho em sala de aula. Essa comparação se dá de modo a refletir os modelos teóricos pelas três escolas que se dedicam ao estudo, a fim de que possamos compreender melhor a evolução dos estudos e as suas diferentes perspectivas.

No Brasil, os gêneros textuais servem como um aparato para o ensino e aprendizagem, a questão é que em muitas vezes esse aparato vem em segundo plano, ao passo que para a Escola de Sidney, de Genebra e a Norte-Americana, focam seus estudos para que o gênero possa ser visto como uma ferramenta essencial no que compete o ensino e aprendizagem, ficando claro que o intuito não é tornar o gênero um objeto de estudo, devido sua “mutação”.

Ao que compete às propostas pensadas pelos estudiosos das Escolas de Sidney, Genebra e Norte-Americana, diversas são as questões norteadoras para o desenvolvimento de uma metodologia e um aporte teórico, referente ao estudo do gênero como uma prática a ser ensinada em sala de aula, como: Porque devemos estudar os gêneros? Como devemos estudá-los? Qual a importância do estudo do gênero para a prática pedagógica? Quais gêneros, já que eles são múltiplos e heterogêneos, devem ser objetos de ensino na escola? Como organizá-los em uma progressão que leve em conta o desenvolvimento e a aprendizagem dos alunos? O que fazer com a tipologia clássica (narração, descrição, dissertação) que predomina na escola e já faz parte dos saberes escolares? Entre esses questionamentos encontram-se: Halliday, Jim



EDIÇÃO Nº 07 NOVEMBRO DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/09/2014
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/10/2014

Martin, Joan Rothery, Frances Christie (Escola de Sidney), Bernard Schneuwly, Joaquim Dolz, Jean-Paul Bronckart (Escola de Genebra), Miller, John Swales, Charles Bazerman (Escola Norte-Americana), entre outros.

Segundo Bunzen (2003) com essas diferenças encontradas nessas tradições, estaríamos fazendo com que tenhamos outros caminhos para o estudo de gênero e sua aplicação no ensino, uma vez que os gêneros aportam uma alternativa para as práticas pedagógicas “tradicionais”.

A ESCOLA DE SIDNEY

A Escola de Sidney é a percussora na relação entre gênero e ensino de língua materna e estrangeira, segundo Bunzen (2004), a origem desses estudos remonta as décadas de 1970 e 1980, época em que se realizavam pesquisas sobre as práticas de letramento nas escolas australianas. Os estudos propostos por essa escola foram baseados na Linguística Sistemico-funcional proposta por Halliday. Esse aporte teórico advém da sociologia da educação e práticas de letramento escolar.

O conceito de gênero nessa perspectiva e de seu modelo para o ensino está relacionado ao conceito de cultura e de situação, ou seja, para o conceito de cultura o objetivo social do texto passa pela ideologia, pelas convenções sociais e pelas instituições, devido à crença de que é no contexto da cultura que se desenvolve o gênero entendido como “um sistema estruturado em partes, com meios específicos e fins específicos” (VIAN JR, LIMA-LOPES, 2005 p. 29), ao passo que para o conceito de situação ou de registro, corresponde à realização imediata do texto, que comporta as relações e estruturas, bem como a organização simbólica da linguagem.

Pensando na proposta de uma melhor organização do trabalho do professor, os estudiosos de Sidney formularam um ciclo de ensino de gênero, composto pelos seguintes



EDIÇÃO Nº 07 NOVEMBRO DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/09/2014
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/10/2014

estágios: negociação do campo (tópico), desconstrução, construção conjunta, construção independente.

A ESCOLA NORTE-AMERICANA

Também conhecida por Escola Nova Retórica, deixa de lado, ao menos explicitamente, a proposta de uma forma de ensino a partir dos estudos retóricos e não apresenta modelo de ensino. Os estudos da corrente Norte-Americana são centrados nos elementos de situação e deixam um pouco de lado as características formais dos gêneros, ou seja, visam o modo que os gêneros funcionam como resposta a contextos externos, ou sociais, recorrentes em uma cultura.

O conceito nesta perspectiva é de que “as formas de comunicação reconhecíveis e auto-reforçadas emergem como gêneros” (BAZERMAN 2005, p.29). Quando se cria formas tipificadas ou gêneros, as situações das quais os gêneros emergem também são tipificadas (SOARES, 2009). Essa tipificação irá permitir dar forma e significado as diversas circunstâncias bem como atuará na orientação dos tipos de gêneros de ação que ocorrerão, e, para que se obtenha um entendimento profundo de gêneros temos que ter em mente os gêneros como “fenômenos de reconhecimento psicossocial que são partes de processo de atividades socialmente organizadas” e não apenas como um conjunto de traços textuais (BAZERMAN 2005, p.31).

Centrado nos elementos de situação, no modo como os gêneros funcionam como resposta a contextos, como dito anteriormente, essa perspectiva apoia-se em uma visão de gênero como dinâmico, possível de transformação e ao desaparecimento. Os estudiosos da escola Norte-Americana não propõe nenhum modelo de ensino, como visto nas duas escolas anteriores, porém essa perspectiva defende alguns posicionamentos em relação ao ensino, tendo como ponto de partida uma concepção de que “os gêneros que atuam na sala de aula são mais do que uma repetição de proposições padronizada” (BAZERMAN, 2005, p.30), logo a escola critica um ensino prescritivo e explícito das formas genéricas, tal como defende a



EDIÇÃO Nº 07 NOVEMBRO DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/09/2014
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/10/2014

perspectiva sistêmico-funcional da Escola de Sydney, pois este apontaria para uma visão de gêneros como algo estável e, também, enfatizaria os elementos textuais e linguísticos em detrimento das ações e práticas retóricas.

Se visarmos um ensino prescritivo dos gêneros, aconteceria o esvaziamento do sentido de atividades em sala de aula, e transformaria as produções genéricas em exercício formal. Mas, para que exista dinâmica e para que os gêneros solicitados aos estudantes como produção se mantenham “vivos” nas situações de comunicação que ocorrem na escola, seria necessário tomar como base as experiências prévias dos alunos com os gêneros, em situações sociais que eles considerem significativas ou explorando o desejo do envolvimento em novas situações discursivas, como propõe a Escola de Genebra.

Segundo Bunzen (2004) tal perspectiva, para que o uso da língua escrita ocorra de modo dialógico e situado, os professores deveriam criar situações e estratégias para que os alunos produzissem e até inventassem novos gêneros, os quais funcionariam como uma resposta àquelas situações. Desse modo, no lugar do trabalho voltado para imitação de modelos genéricos, o foco deveria ser a desconstrução e a reconstrução desses modelos.

ESCOLA DE GENEBRA

Diferente das propostas anteriores, o ensino do gênero, para a Escola de Genebra tem grande repercussão na educação brasileira. Como nas duas propostas anteriores, o conceito de gêneros é visto como uma possibilidade de desestabilizar as práticas de ensino de língua materna consideradas “problemáticas” no que diz respeito à formação de sujeitos autônomos, preparados para inserção nas práticas letradas que se ocorrem dentro e fora do espaço escolar.

Uma interação com a Teoria da Enunciação de Bakhtin e a Teoria da Aprendizagem de Vygotski, deram aporte para o desenvolvimento e funcionamento da linguagem na perspectiva socio-interacionista. A Teoria Interacionista Socio-discursiva é um quadro teórico que entende as condutas humanas como “ações situadas cujas propriedades



EDIÇÃO Nº 07 NOVEMBRO DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/09/2014
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/10/2014

estruturais e funcionais são, antes de mais nada, um produto da socialização” (BRONCKART, 1997, p.13) e devido a essas condições externas de produção textual, ocorre um abandono da noção de “tipo de texto” e sim, a favor de gênero de texto (textual) e de tipo de discurso. Assim os estudiosos de Genebra defendem a “didática da diversificação” que segundo Bronckart e Schneuwly (2004) seria um movimento contrário às abordagens e aos métodos tradicionais que enfatizavam principalmente a abordagem puramente gramatical. Essa didática da diversificação seria então uma abordagem centrada na unicidade da língua, que seria a diversificação dos textos e as relações que os textos mantêm com o contexto de produção, dando lugar para os aspectos históricos e sociais. Logo, a interação dos alunos com textos de cunho histórico e social começou a ser levada em conta, bem como e a vivência desses alunos adquirida antes da escola.

O Gênero é visto com um instrumento para agir discursivamente, pois “aprender a falar e a escrever, então, é apropriar-se de instrumentos para realizar essas práticas em situações discursivas diversas, isto é, apropriar-se de gêneros”. (Dolz & Schneuwly, 1998, p. 65). Os Gêneros, não fornecem princípios para construir um currículo ou uma progressão. Mesmo sendo a base do trabalho escolar, não servem para tal fim, pois “os Gêneros são entidades vagas sem que possam ser identificados como uma só base em suas propriedades linguísticas” (BRONCKART, [1997], 1999). Além de que o trabalho com gêneros favorece o desenvolvimento das operações de linguagem, que são construídas aos poucos, pois não está relacionada com uma competência textual inata. (Schneuwly, 1994).

Logo, é proposta uma progressão curricular em espiral, que devem ser trabalhados em todos os níveis de escolaridade, através de um ou mais gêneros que os compõe sendo o que irá variar são os objetivos a serem atingidos em relação a cada gênero. Com a finalidade de concretizar o domínio efetivo dos gêneros, o trabalho escolar deverá ser organizado em uma sequencia didática, que é definida como “um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito” (DOLZ, SCHNEUWLY, NOVARRAZ, 2004, p. 97). Seria então essa sequencia didática dividida em: apresentação da situação, produção inicial, n módulos e produção final.



EDIÇÃO Nº 07 NOVEMBRO DE 2014
 ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/09/2014
 ARTIGO APROVADO ATÉ 30/10/2014

MÉTODOS: SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS

Ao entrarmos em contato com essas três propostas estrangeiras para o ensino de gêneros, algumas questões se sobressaem: Como organizar os gêneros em uma progressão que leve em conta o desenvolvimento e a aprendizagem dos alunos? Com quais objetivos a noção de gêneros é convocada ao cenário educacional? Quais Gêneros, já que eles são múltiplos e heterogêneos, devem ser objetos de ensino na escola? Qual a relação do gênero com a nossa tradição de ensino de língua materna brasileira? O que fazer com a tipologia clássica (narração, descrição, dissertação) que predomina na escola e já faz parte dos saberes escolares? Diante dessas questões, cabem, então, algumas considerações acerca das perspectivas para o ensino dos gêneros defendidas pelas diferentes escolas.

Tabela 1 – Síntese das Escolas

Escola	Perspectiva	Proposta de Modelo de Ensino	Ação	Gênero
Sidney	Linguística Sistêmico-Funcional - Para um Ensino de Língua Transdisciplinar.	Ciclo de Ensino	Negociação do Tópico	Depende de dois conceitos: o de cultura - onde o texto passa pela ideologia devido à crença de que é no contexto da cultura que se desenvolve o gênero, entendido como "um sistema estruturado em partes, com meios específicos e fins específicos" (VIAN JR, LIMA-LOPES, 2005 p. 29). - e o de situação - vista como a realização imediata do texto, que comporta as relações e estruturas, bem como a organização simbólica da linguagem.
			Desconstrução	
			Construção Conjunta	
			Construção Independente	
Genebra	Interacionista Socio-Discursivo	Sequência Didática	Apresentação da Situação	Concebem o gênero como um mega-instrumento, que se realiza empiricamente nos textos, sendo então instrumentos que possibilitam a comunicação: "há, visivelmente um sujeito, o locutor-enunciador, que age discursivamente (fala/ escreve), numa situação definida por uma série de parâmetros, com a ajuda de um instrumento que aqui é um gênero, um instrumento semiótico complexo" (DOLZ & SCHNEUWLY, 1998:65, p. 27).
			Produção Inicial	
			Módulos [1,2,n]	
			Produção Final	
Norte-Americana	Defende uma forma de ensino centrada a partir dos estudos retóricos	Não possui um modelo de ensino, mas redefine o conceito de gênero preocupando-se em compreender de que modo os gêneros funcionam como resposta aos contextos sociais recorrentes de uma determinada cultura.	Aconteceu um movimento chamado de "Rhetorical Turn" onde o ensino da composição escrita também foi afetado pela "virada retórica", pois se iniciou o emprego de conceitos retóricos clássicos que favoreceriam uma base sistemática para uma pedagogia processual que ajudava os alunos a pensar mais no processo de escrita do que no "produto". O Construcionismo Social, enfatizou a noção de que "o conhecimento é algo socialmente construído em resposta a necessidades, metas e contextos comuns" (Freedman & Medway, 1994 a:5). Desta forma, a linguagem é entendida não só com uma forma de agir, mas como uma forma de construir representações sobre o mundo. E os textos produzidos pelos alunos, normalmente encarados como "containers of knowledge", podem ser vistos agora de forma mais dinâmica.	"as formas de comunicação reconhecíveis e autorreforçadas emergem como gêneros" (BAZERMAN 2005, p.29). Quando se cria formas tipificadas ou gêneros, as situações das quais os gêneros emergem também são tipificadas. Esta tipificação dará forma e significado às circunstâncias e orientará os tipos de ação que ocorrerão. Para que se tenha um entendimento mais profundo de gêneros é preciso compreendê-los como "fenômenos de reconhecimento psicossocial que são partes de processo de atividades socialmente organizadas" e não apenas como um conjunto de traços textuais (BAZERMAN 2005, p.31).

FONTE: Os autores.

Na Tabela 1, pode ser visto algumas das diferenças e semelhanças entre as Escolas.



EDIÇÃO Nº 07 NOVEMBRO DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/09/2014
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/10/2014

Conforme vemos na tabela acima, para a escola de Sidney o ponto de vista adotado para o ensino dos gêneros é de um ensino de língua transdisciplinar, ou seja, a preocupação está em como a língua opera em todas as áreas do currículo escolar. O que sustenta tal posicionamento é a ideia de que para que os alunos consigam aprender os conteúdos escolares, eles precisam controlar os gêneros escritos mais valorizados nessa esfera comunicativa. Tal controle derivaria de um ensino explícito dos gêneros, o qual os auxiliaria tanto na participação efetiva das práticas de letramento escolar quanto nas práticas de leitura e escrita fora daquele ambiente, uma vez que muitas das exigências escolares no âmbito da linguagem, como argumentar, expor, relatar, explicar, também são requeridas em práticas de letramento que ocorrem além do âmbito escolar.

Ao propor tal modelo para o ensino de língua, os pesquisadores da Escola de Sydney enfatizam as possibilidades que este tem de configurar o currículo em termos de práticas de letramento relevantes dentro e fora do contexto escolar. Destacam, também, o fato de o currículo poder ser organizado em espiral, levando em conta a progressão dos textos e sua complexidade. Ressaltam, ainda, que tal proposta pode facilitar o trabalho docente no que tange ao assessoramento aos alunos e aos critérios de avaliação dos textos por eles produzidos.

Como podemos observar no modelo proposto pela Escola de Genebra, o movimento geral da sequência didática vai do mais complexo, a produção inicial dos alunos, passa pelo mais simples, os módulos, e retorna ao complexo, a produção final dos estudantes; objetivando sempre o desenvolvimento de capacidades necessárias para o domínio dos gêneros.

Para Norte Americana a identificação dos gêneros através de suas características textuais não é desprezada nesta perspectiva, todavia, ela é vista como incompleta e enganadora. Enganadora porque atribui ao gênero características de fixidez e atemporalidade, ignorando tanto o uso criativo da comunicação para a satisfação de novas necessidades percebidas em novas situações, o que ocasiona mudanças, evoluções e, até mesmo, o desaparecimento de gêneros; quanto à transformação na maneira de entender os gêneros no decorrer do tempo. Incompleta porque não reconhece o papel dos indivíduos no uso e na



EDIÇÃO Nº 07 NOVEMBRO DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/09/2014
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/10/2014

construção de sentidos; além de desprezar as diferentes compreensões e percepção que as pessoas têm para os diferentes domínios comunicativos e, conseqüentemente, para os gêneros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em primeira instancia ressaltamos a proposta da Escola de Sidney, com seu modelo voltado a uma abordagem textual, com seu foco na descrição da materialidade textual do gênero, deixando de lado às situações de produção, ou contexto, bem como os aspectos sociais e históricos. Com essa abordagem, se pensarmos no contexto de educação brasileiro, poderíamos acabar restringindo o ensino dos gêneros à abordagem de seus aspectos linguístico-textuais, diminuindo a eficácia do ensino de produção de textos com características formais.

Ao que compete a proposta da Escola Norte-americana, consideramos que o ensino de gêneros causaria certo esvaziamento que a escrita sofreria no contexto escolar quando os gêneros são enfocados a partir de seus padrões textuais e linguísticos, bem como chama a atenção para a necessidade de considerarmos as experiências prévias que os alunos têm com os gêneros nas situações sociais como ponto de partida para o ensino.

Com uma visão Interacionista Socio-Discursiva, da Escola de Genebra, com vista ao contexto educacional brasileiro, teríamos certo avanço no ensino aprendizagem, pois uma vez o sujeito inserido na proposta realizada pelo professor, ele se sentiria como parte daquele contexto, mesmo que na sua volta existam outros com aspectos históricos e sociais distintos. Podemos ainda pensar que a questão social que os estudiosos de Genebra propõe, quando bem realizadas pelo professor em sala, teríamos muitos outros benefícios se reafirmamos a ideia de que os gêneros tratados em sala de aula devem ser escolhidos conforme as situações escolares e que a escola deveria garantir o acesso aos gêneros discursivos de diferentes esferas,



EDIÇÃO Nº 07 NOVEMBRO DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/09/2014
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/10/2014

abordando-os não só em seus aspectos formais, mas, sobretudo, na sua dimensão sócio-histórica.

Embora a perspectiva da Escola de Genebra apresente certa hegemonia no Brasil, quando abordamos a questão do ensino dos gêneros, temos ainda muito que fazer para que consigamos obter um ensino que tenha como proposta de ensino os gêneros, sem o por como objeto de ensino, como ressalta Dolz e Schneuwly (2004) e sim para chegar ao seu objetivo como proposta didática em sala de aula. Ainda, como os próprios autores propõem, em vista parece ser a melhor “atitude” a ser tomada em relação às propostas educacionais em sala de aula, temos que ter em vista que tal perspectiva de interação com o gênero permite “prepará-los para dominar a língua em situações variadas, fornecendo-lhes instrumentos eficazes; Desenvolver nos alunos uma relação com o comportamento discursivo consciente e voluntário, favorecendo estratégias de auto-regulação; Ajudá-los a construir uma representação das atividades de escrita e de fala em situações complexas, como produto de um trabalho e de uma lenta elaboração. (2004, p. 49).” A parte, o que propomos aqui, foi uma breve discussão a respeito das perspectivas adotadas pelas escolas estrangeiras, que contribuem para o ensino e aprendizagem tomando como ferramenta construtiva o ensino do gênero.

REFERÊNCIAS

Adair.; MOTTA-ROTH Désirée.(orgs.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BUNZEN, C. 2004. *O ensino de “gêneros” em três tradições: implicações para o ensino-aprendizagem de língua materna*. Letramento do professor. Disponível em: http://www.letramento.iel.unicamp.br/publicacoes/public_clecio/o_ensino_de_generos.html. Acesso em: 23/04/2014.



EDIÇÃO Nº 07 NOVEMBRO DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/09/2014
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/10/2014

BRONCKART, Jean-Paul. *Atividade de linguagem, textos e discursos : por um interacionismo sociodiscursivo*. 1ª ed. Trad. Anna Rachel Machado. São Paulo, Educ, 1999.

BRONCKART, Jean-Paul. *Atividades de Linguagens, texto e discursos*. Por um interacionismo sócio-discursivo. Trad. Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. São Paulo: Educ, 1997/99.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michèle e SCHNEUWLY, Bernad. *Seqüências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento*. In: DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. Gêneros Oraís e escritos na escola. São Paulo: Mercado da Letras, 2004

ROJO, Roxane Helena Rodrigues (org). *A prática de Linguagem em sala de aula: praticando os PCNs*. São Paulo: Mercado das Letras, 2000.

_____. *Gêneros discursivos e textuais: questões teóricas e aplicadas*. In: MEURER, J.L., BONINI,

VIAN JR. Orlando; LIMA-LOPES, Rodrigo E. *A perspectiva teleológica de Martin para a análise dos gêneros textuais*. In: MEURER, J.L., BONINI, Adair.; MOTTA-ROTH Désirée.(orgs.). Gêneros: teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.